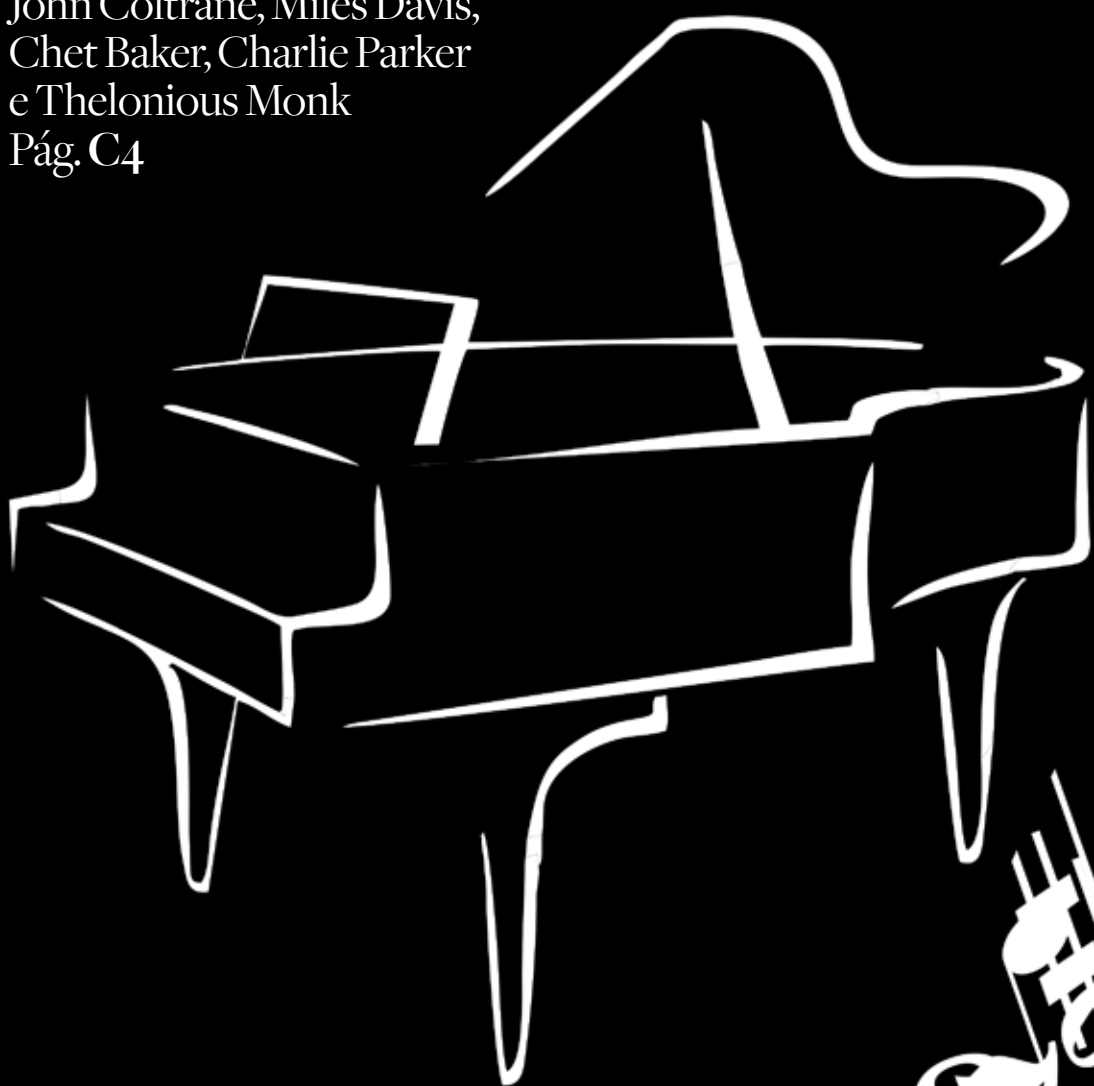




# Cultura!

## OS CEM ANOS DO JAZZ

Em 1917 era lançado o primeiro disco de jazz — gênero essencialmente criado por músicos negros — pela Original Dixieland Jazz Band, por ironia um grupo de músicos brancos. Para o registro da data, o confrade Zé Renato recebeu em sua casa, para um bate-papo, alguns dos mitos do jazz: John Coltrane, Miles Davis, Chet Baker, Charlie Parker e Thelonious Monk  
Pág. C4



### ‘A Alcova da Morte’

Um livro múltiplo escrito a seis mãos  
Pág. C2

### ‘War Machine’

O filme que, mais que uma comédia, é uma sátira americana  
Pág. C3

### Esta terra

A sempiterna dúvida de quem deseja deixar o campo  
Pág. C3

### EXCLUSIVO!

Mais uma vez o *Cultura!* inova, sai na frente e se torna o primeiro suplemento cultural a lançar sua edição de junho em julho!





Literatura

Romance escrito a seis mãos por autores de Santa Maria (RS) mistura narrativa policial e sobrenatural numa atmosfera *steampunk* no Rio de Janeiro do século XIX

# ‘A ALCOVA DA MORTE’: UM LIVRO MÚLTIPLO

CAROL CHIOVATTO

Às vezes nos perguntamos o que um livro precisa ter para nos encantar. Afinal, é bem comum gostarmos de vários tipos de histórias, talvez bem diferentes entre si, sem sabermos exatamente o que nos atrai em cada uma.

Bem, para mim, uma das maiores surpresas do recém-lançado *A Alcova da Morte*, de A. Z. Cordenonsi, Enéias Tavares e Nikelen Witter, publicado pela AVEC no início do ano, foi encontrar, num livro tão curto (240 páginas!), tudo o que eu mais amo numa boa história de aventura.

Cada um dos autores ficou responsável pelos capítulos narrados a partir do ponto de vista de “sua” personagem: Cordenonsi escreve sob o olhar do engenheiro Firmino Boaventura; Enéias Tavares conta as peripécias sobrenaturais de Remy Rudá; e Nikelen Witter narra sob o ponto de vista da dona da agência de investigações Guanabara Real, Maria Tereza Floresta. Ou seja, no mesmo livro, temos uma boa dose de ficção científica à *la steampunk* (já que o ano é 1892 e somos apresentados a diversas tecnologias a vapor num Rio de Janeiro retrofuturista), fantasia e horror sobrenatural e investigação policial, tudo amarrado numa trama de reviravoltas políticas. Parece uma salada, não? Mas a perícia dos autores e, sem dúvida, o magistral trabalho do editor sabem amarrar tudo de maneira bem contínua e natural. Durante a leitura, não se percebe

Mas a perícia dos autores e, sem dúvida, o magistral trabalho do editor sabem amarrar tudo de maneira bem contínua e natural

muito bem onde começa um e onde termina o outro, tamanha a fluidez da transição. Digo “fluidez” porque, mesmo os capítulos de cada um dos protagonistas sendo muito bem demarcados, em todos os vários modos narrativos se manifestam, apenas acentuando-se um deles conforme a personagem da vez. Num primeiro momento, parece mesmo haver uma separação entre o que é “místico” e o que é “lógico”, mas essas fronteiras vão se tornando mais esfumadas conforme a história progride, até se apagarem por completo.

Existe um debate entre misticismo e lógica, polos representados por Remy Rudá e Firmino Boaventura, respectivamente, que encontra um ponto de equilíbrio em Maria Tereza Floresta e seu pragmatismo. Eu mesma tenho especial afeição a esse tipo de debates, pois não gosto muito de separar coisas que, para mim, estão fundamentalmente unidas — a razão e a emoção. E falo de emoção porque o misticismo representado por Rudá alinha-se, sob a ótica do engenheiro Boaventura, com a fraude ou com o desconhecimento, ambos tradicionalmente avessos à razão dita “pura”, portanto alinhados ao eixo da emoção humana. A forma como os autores trabalharam nessa questão, com tanta sutileza, em meio a uma aventura de tirar o fôlego (nos capítulos finais fica mesmo difícil recuperar o fôlego perdido), é um dos pontos altos de *A Alcova da Morte* para mim.

Outro dos pontos mais fortes do livro é a forma como conseguiram incutir uma discussão política muito atual num Rio de Janeiro plenamente reconhecível, tanto no passado histórico preciso, quanto nas distorções feitas para acomodar os aspectos retrofuturistas. Falo sobre a atualidade da discussão política, mas não me permito explicar melhor com receio de dar *spoilers*. Digamos apenas que tratam do velho tema, tão conhecido, de pessoas poderosas com uma positiva imagem midiática, nas quais talvez não se possa confiar totalmente.

O ritmo do livro também agrada muito, e desconfio poder ser apreciado até mesmo por pessoas não muito habituadas a ler. Logo no início, pareceu-me um pouco lento, mas isso muda depressa, e chega um momento em que não conseguimos mais parar de virar as páginas, ávidos pelo que está por vir.

Nikelen Witter atribui a Maria Tereza uma praticidade e uma capacidade dedutiva muito interessantes de se observar, especialmente por se tratar de uma figura feminina bastante fora da curva para o período histórico retratado. Mas não tema, leitor, pois a escritora é também historiadora, e não faltou com a precisão histórica esperada em um livro situado num passado alternativo. Aliás, essa precisão permeia o livro inteiro. Dito isso, é muito gratificante ver Tetê (como é chamada por alguns) contornando as limitações impostas a seu gênero com tanta habilidade social (e às vezes na porrada mesmo, quando a situação pede).

Firmino Boaventura, por um lado, representa alguns tipos de pensamento com os quais não concordo. A lógica acima de tudo, a necessidade da razão pura tão cara a engenheiros, não poderia ser mais dissonante de minhas próprias ideias e visões de mundo. Ainda assim, por outro lado, não temos como deixar de sentir simpatia por essa personagem. Eu não disse antes, mas ele é negro, e em dado momento do livro somos informados de que sua educação se deve a um professor com a mente à frente de seu tempo que, aliás, também tem uma pupila do sexo feminino. Pensemos que 1892 é apenas quatro anos depois da Lei Áurea (ao menos na linha temporal da realidade), então é realmente incrível vermos uma personagem negra no papel de engenheiro, representante estereotípico máximo do conhecimento lógico-matemático. Isso quebra tantos estereótipos e clichês que fica difícil enumerar.

Por fim, os capítulos de Remy Rudá são uma joia. Neles, conseguimos enxergar a pena de Enéias Tavares sem sombra de dúvida (é uma felicidade ser capaz identificar tão de pronto o estilo num escritor tão jovem). Enéias, autor da obra vencedora do Prêmio Fantasy *A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014), possui um estilo muito próprio, com certas preocupações estilísticas com a sonoridade, o ritmo etc., capazes de torná-lo um escritor plenamente reconhecível através de sua escrita. Além disso, a personagem Remy Rudá possui ascendência indígena, e seus conheci-



mentos místicos são fruto de muito estudo (apesar do desdém com que seu colega engenheiro trata esse tipo de saber). A deliciosa personagem também encarna a figura do dândi do século XIX, e traz outras tantas quebras de estereótipo — as quais prefiro não comentar para não estragar a

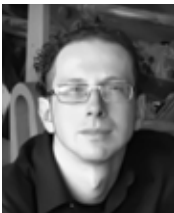
surpresa — que para mim coroam a boa narratividade.

\*  
**CAROL CHIOVATTO** É TRADUTORA E DOUTORANDA EM LETRAS NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

## Sinopse do livro:

Brasil, 1892. Na noite da inauguração da estátua do Corcovado, um horrendo crime toma de assalto a alta sociedade carioca. Para resolver o mistério, a investigadora particular Maria Tereza Floresta, o engenheiro positivista Firmino Boaventura e o dândi místico Remy Rudá terão de se embrenhar numa perigosa trama de poder e corrupção. O que parece mais um caso aos poucos se revela um plano que põe em risco o futuro de o todo país e, para impedi-lo, a agência de detetives Guanabara Real terá de usar toda a sua perícia para solucionar os enigmas tecnológicos e os mistérios arcanos da sangrenta “Alcova da Morte”! Uma trama de investigação policial. Um enredo de ficção científica. Um crime de horror sobrenatural. Três autores, três heróis, em um Rio de Janeiro que nunca existiu!

**Os autores.**  
(De cima para baixo)  
Enéias Tavares,  
Nikelen Witter e  
A. Z. Cordenonsi



# Palavra



“A minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão.”

**CECÍLIA MEIRELES**

NASCIDA NO RIO DE JANEIRO (RJ), EM 1901, A AUTORA DE “ESPECTROS”, “ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA” E “OU ISTO OU AQUILO”, DENTRE OUTROS, MORREU NA MESMA CIDADE, EM 1964.

Cecília Meireles



Cultura! é uma publicação do jornal *O Extra.net*, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE  
EDITOR: **O. A. SECATTO**  
COLABORADORES: **GIL PIVA, JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E JACQUELINE PAGGIORO**  
DIAGRAMAÇÃO: **ALISSON CARVALHO**



Cinema

Com tom de humor que acerta em cheio a verve satírica sem se perder nas brechas do pastelão, *War Machine* é mais que uma comédia, é uma sátira americana

GUERRA INGLÓRIA

CRÍTICA

★★★★☆ BOM

GIL PIVA

Em filme produzido pela Netflix e pelo próprio ator Brad Pitt, *War Machine* (“Máquina de Guerra”, em português) narra a história de um general (Pitt) que se vê de repente encabeçando a crise política que sucede à presença das tropas americanas no Afeganistão. Ele tem o encargo de restabelecer as desastrosas relações entre Washington e os soldados que estão no campo de batalha — e de uma solução midiática.

Trata-se de um filme curioso: *War Machine* é uma comédia cujo tom do humor acerta em cheio a verve satírica sem se perder nas brechas do pastelão; melhor, o ritmo e a concatenação das falas que promovem as piadas delineiam também um humor negro, porém refinado, onde não se força o riso nem a tacinha investida de um filme de guerra revestido de aventura para camuflar eventuais fracassos da direção.

Fato curioso para um diretor ainda pouco conhecido nos circuitos comerciais. David Michôd, australiano, ganhou território ao realizar *Reino Animal*, sobre uma família de criminosos de Melbourne, e que lhe rendeu o prêmio no festival de Sundance em 2010. O sarcasmo dessa hilariante comédia muito se contrasta com *Reino Animal* e seu aspecto violentamente ácido — um contraponto válido na carreira do diretor.

Mas a ideia sublime satirizada no filme *War Machine* vai além das atrapalhadas ações militares e burocracias políticas em que se metem suas personagens; como foi dito, a crítica prepondera como um tipo de “golpe” contra o próprio

governo americano representado no papel do general, incapaz de liderar as tropas diante de inimigos invisíveis, que se misturam a civis, incapaz de convencer os afegãos e a própria nação americana que a função das tropas (e, por esse viés, a dos EUA) é importante para enfrentar terroristas insurgentes.

As melhores cenas são as de negociações políticas frustradas; aliás, Ben Kingsley está ótimo como presidente do Afeganistão. E Brad Pitt encarna bem um caricaturado comandante, embora suas caras e bocas terminem por remeter o espectador à sua interpretação em *Bastardos Inglórios* (2009). O ator não alcança a atuação emblemática do filme de Tarantino, tampouco fraqueja em cena. A comparação é inevitável, só que é preciso reconhecer seus limites: em *Bastardos*, o humor negro direcionava paralelamente aos momentos sérios de tensão; em

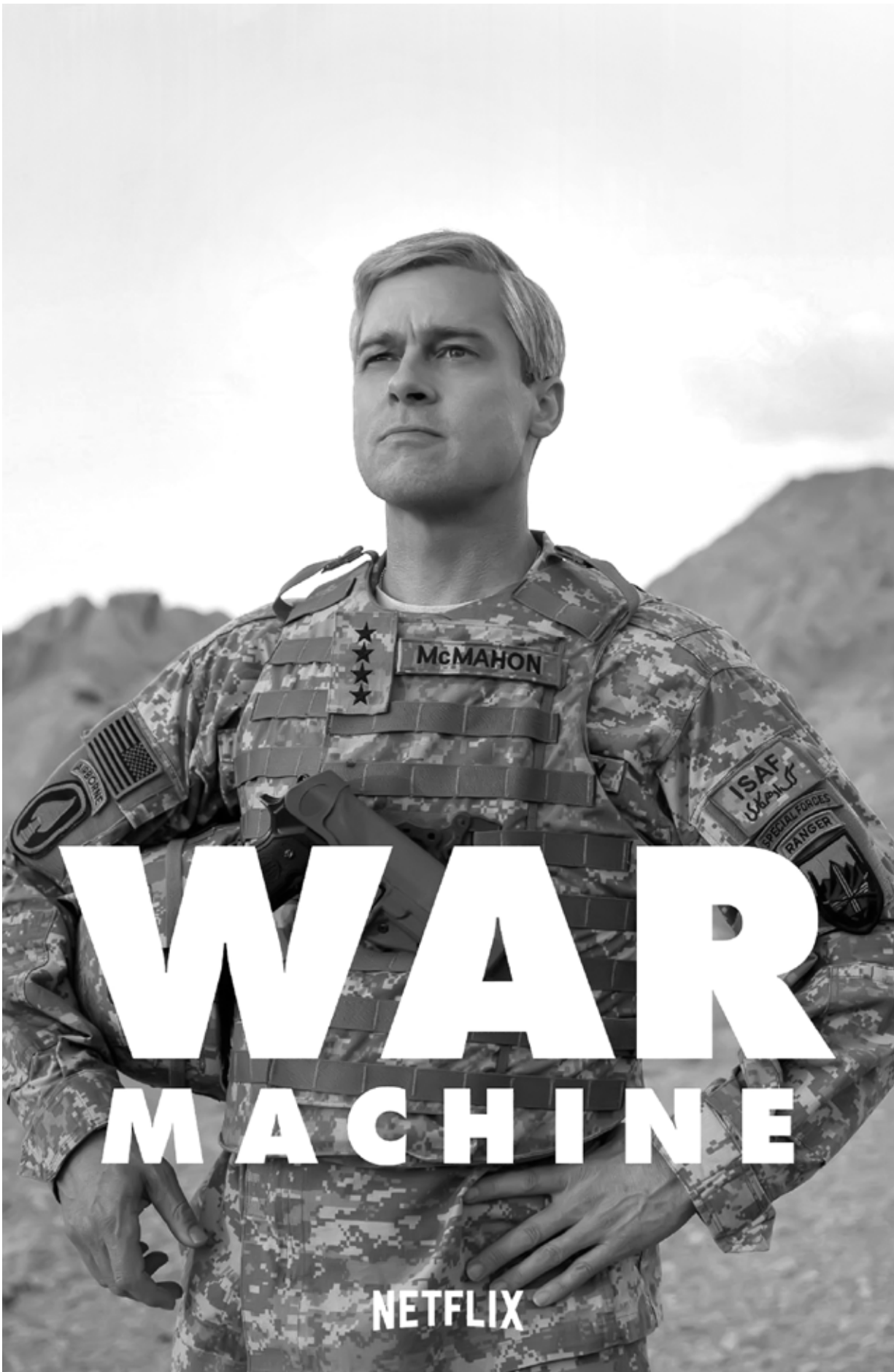
*War Machine*, não há tensões, apenas um humor condicionado a favor das situações.

Não é de se estranhar que às vezes o filme dá uma impressão de estar andando em círculos, com um enredo que não avança nem se redime. Mas essa é uma falsa impressão; tudo proposital, afinal o que se tem é uma alegoria do pestanejar heroico dos EUA e, na contramão, sem vigor, derrotados por não conseguir explicar as mais simples razões de se manter uma guerra cuja vitória é improvável.

A tônica de *War Machine*, até pelo seu caráter independente (lembrando que estreou antes na Netflix que no cinema), é a de conseguir transportar os erros absurdos da vida real para a fabulação cinematográfica.

Filme é uma alegoria do pestanejar heroico dos EUA no Afeganistão

**Protagonista.**  
Brad Pitt como o general Glen MacMahon



Poesia

EU VOU DEIXAR  
ESSA TERRA

ISABELA ZARDA

Fui nascido aqui na roça, mas agora eu vou mudar  
Tirar isso da cabeça, que aqui devo ficar  
Vou mudar de identidade, vou mudar lá para cidade  
Conhecer outro lugar.

Não vou mais olhar para o sol quando amanhecer o dia,  
Não vou mais olhar para a lua para fazer poesia.  
Vou mudar completamente, vou quebrar a tradição  
Não quero mais brincadeira, não vou mais fazer fogueira  
Na noite de são João.

E quando chegar o dia do santo casamenteiro  
Não vou mais erguer o mastro de santo Antônio no terreiro.  
Eu vou deixar essa terra,  
Apesar de ser meu berço  
Pode ser até pecado, mas ninguém vai ser chamado  
Para ir lá em casa rezar terço.

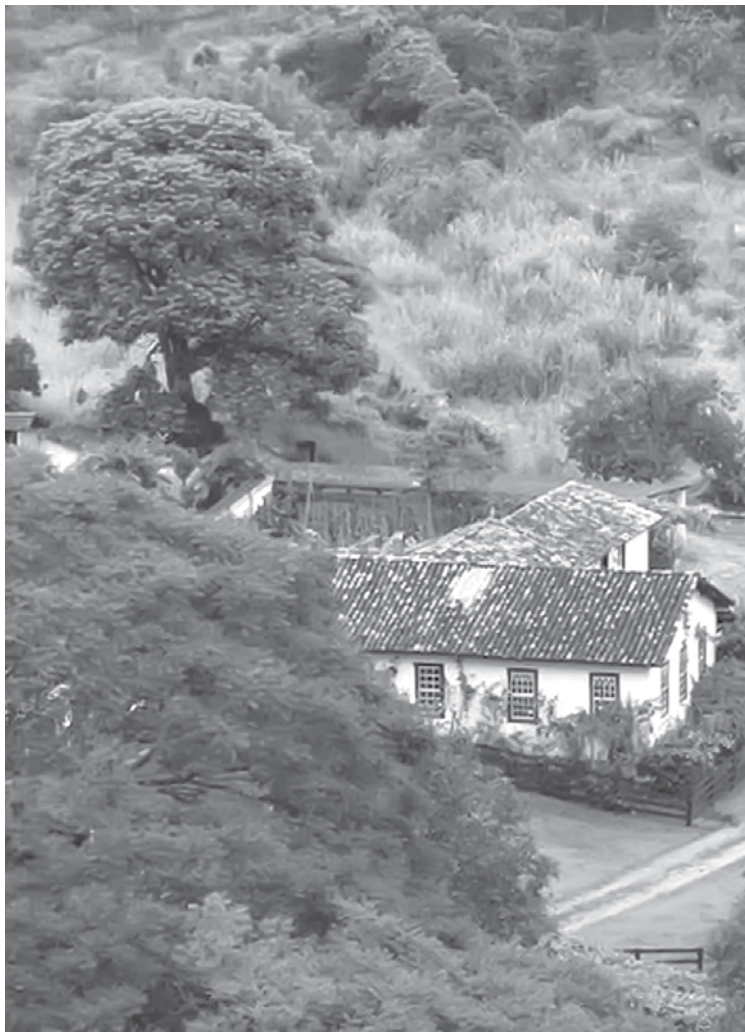
Não vou mais dançar quadrilha, nem brincar de passar anel  
Não vou ficar mais sozinho, nesse mundo sem vizinho  
Contando estrelas no céu.  
E quando for em janeiro, no sexto dia do mês  
Não vai mais ter alegria  
Não vou mais fazer folia,  
Chegada de Santos Reis.

Vou mudar lá para a cidade, vou sair dessa tortura  
Essa sofrência cruel, adoçar leite com mel  
E café com rapadura.  
Eu não quero mais ouvir o triste cantar do galo  
Eu não vou mais aboiar, muito menos cavalgar  
Montado no meu cavalo.

Não vou mais ordenhar, vou vender minhas vaquinhas  
Morando lá na cidade, eu vou levantar mais tarde  
Tomar leite de caixinha.  
Meu cachorro e a espingarda, para quem quiser, eu vou doar  
Deixe os bichinhos viver, tanta coisa para comer  
Não será preciso caçar.

Eu não quero mais pescar lá nas águas do riacho  
A minha velha canoa vou pôr uma pedra na proa  
Soltar correnteza abaixo.  
Vou lá para cidade grande, vou ganhar experiência  
Cada coisa tem um preço, vou sofrer a consequência,  
Se eu me sentir sufocado, der saudade do meu povo  
Estou pronto para mudar, eu não vou nem cogitar  
Volto pra roça de novo.

**\***  
**ISABELA ZARDA**, CURSANDO O PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO, É VENCEDORA DO CONCURSO DE REDAÇÃO TV TEM 2016





Música

‘Música não é algo para preencher um espaço. Não se ouve música para fazer alguma coisa, como um complemento. Escutar música é uma experiência estética, não existe para fugir do silêncio ou do tédio. Não é banal. É Arte’



THE SONG REMAINS THE SAME

ZÉ RENATO

Sempre afirmei que o jazz é um som noturno. Gosto de ouvi-lo nesse período. Passava das vinte e duas horas. No instante em que abri uma cerveja, me servi de uma dose de Jack Daniels e coloquei para tocar *Kind of Blue* de Miles Davis e John Coltrane, depois *My Favorite Things*, com John Coltrane. Seguiram-se Thelonious Monk e, claro, Chet Baker e Charlie Parker. A música invadia minha biblioteca. Apenas senti-a. Música não é algo para preencher um espaço. Não se ouve música para fazer alguma coisa, como um complemento. Escutar música, no meu entender, é uma experiência estética que no máximo deve ser acompanhada em silêncio. Não existe para fugir dele ou do tédio. Não é banal. É Arte. Esvaziei meu cérebro de pensamentos, como se fosse um estágio de satori. Fechei os olhos e “viajei”. Ao reabri-los, estava à minha frente um homem negro, estatura mediana, cabelos cacheados, presos num rabo de cavalo, meio *dreadlocks*. Portava um pistom Selmer reluzente. Permaneci em silêncio. Logo em seguida outro negro alto estava diante de mim. Portava um saxofone Selmer de um dourado meio fosco e um chapéu coco na cabeça. Em meio ao meu espanto, outro homem negro. Este com um chapéu estranho e uma risada engraçadíssima. Num piscar de olhos, outro negro. Elegante e vestido — terno e gravata — portava um sax alto, Selmer também. Para completar a minha perplexidade: um branco. Rosto marcado pela dureza da vida. Marcas próprias de um ex-usuário de heroína, todavia, conservando uma beleza de tempos anteriores. Possuía um ar de galã. Portava um trompete, obviamente, Selmer. Incrédulo, boquiaberto, perguntei-lhes: — São quem estou pensando? Todos riram. Apenas responderam: — Oh, yeah! Ofereci-lhes bebida. Entreolharam-se. O homem dos *dreadlocks* respondeu: — Estamos em outro plano. Não consumimos mais nada terreno. Voltei-me novamente ao grupo e insisti: — Afinal, são mesmo Miles Davis, Thelo-

nious Monk, John Coltrane, Chet Baker e Charlie Parker? Confirmaram. Apenas acrescentaram: — Você merecia nossa visita. Afinal, ao nos ouvir de forma tão reverente e respeitosa e continuar a divulgar nossos trabalhos, com tanta paixão e entusiasmo, entendemos que seria justo solicitar uma permissão superior e falarmos isso — perdoe-nos a hipérbole — pessoalmente. Então, agradeço de coração. Todavia, reitero: — Não faço mais que minha obrigação. Afinal, vocês são gênios, deuses da música e, portanto, merecem toda reverência e glória terrenas. A música de vocês é imortal! Dessa vez Charlie Parker pediu a palavra: — Devo acrescentar que Clint Eastwood rendeu-me maravilhosa homenagem, ao realisar seu filme *Bird*. — Caro Yardbird — permita-me tratá-lo assim —, amo o cinema de Clint Eastwood. Esse filme é uma de suas grandes películas. Também é apaixonado por jazz e por sua música. Foi perfeito. — Lá de cima, me emocionei — disse-me Charlie Parker. — Senhor Monk, por favor, permita-me uma observação: suas dissonâncias ao piano, seu poder de improviso, alçam-no a uma condição única no jazz. — Muito obrigado. Pode me chamar de Theo. Todavia, faço questão de acrescentar nesse rol Bill Evans, Oscar Peterson, Gil Evans, Dave Brubeck, Herbie Hancock, Art Tatum, Count Basie, McCoy Tyner, Chick Corea, Bud Powell e, óbvio, o gênio da raça, Duke Ellington. Duke é sinônimo de elegância e sofisticação. — Concordo, Theo. Porém, seu som é revolucionário. — Ok, man! Somos o free jazz, o bebop! Yeah! — O jazz é uma revolução sonora permanente, na qual não há espaço para medíocres — salientou John Coltrane. — Senhor Coltrane, permita-me parabenizá-lo pela elegância. Não só no traje, mas principalmente na música. Seu disco *A Love Supreme* é definitivo. Tenho verdadeira devoção pelo seu trabalho. A palavra gênio não consegue explicitá-lo por completo. — Oh, man, easy! Take it easy. Come on... Pode me chamar de John.

Abri os olhos. A música continuava. Pensei: “Essa é uma bela história. Por que não contá-la no *Cultura!*?”

— Ok, John. Seu trabalho é infinito, na medida em que une várias vertentes do jazz, enriquecendo-as. — Ok. Concordo. Amo Sidney Bechet, Coleman Hawkins, Ornette Coleman e Miles. Yeah! — Querido Chet, você é sublime, tanto como instrumentista, quanto cantor. Sua voz cool, seu canto introspectivo, emocionam ao extremo. Minha querida prima Kátia deu-me de presente dois CDs trazidos de Chicago: um de John, com *My Favorite Things*. Não preciso dizer: arrebatador. Outro seu, cantando. É absurdo! Também ganhei de minha cunhada Jianne um CD de uma apresentação em Paris. Você abre com *Summertime*. O que dizer? — Thank you, man! Hoje, lamento erros do passado. Me chapei demais com a heroína. Foi gagada! Me afundei nas drogas. Por um tempo, perdi minha música. Quando fui recuperá-la... Já havia muitas sequelas. Sem contar uma forte angústia. — Temperou sua música, cara. Todavia, compreendo: o preço foi muito alto. Sinto uma forte dor no coração por não ter conseguido vê-lo ao vivo. — Continue ouvindo meus CDs. É assim que vocês escutam música agora? Mantêm nossa música viva. — Por fim: Chet, você poderia ter se tornado um galã de cinema. Tem um rosto muito bonito. — Man, meu barato é a música. Essa é minha praia — disse, então, e riu. — Tem razão! — Senhor Davis, permita-me expressar minha devoção pelo seu trabalho. Seu jazz mudou minha vida. É uma referência estético-intelectual permanente. Seus discos são uma profusão de criações, as quais mudam sempre, inovam. Inovação, revolução sonora, criação perene, parecem ser seu signo. — Oh, man, thank you! Pode me chamar de Miles. Desde minha primeira gravação, quando cheguei em casa, feliz e realizado, fui mostrar meu disco para a minha mãe. Toquei-o na vitrola. Ela ouviu em silêncio e me perguntou: “Você quer agradar aos brancos?”. Aquilo me marcou. Retornei ao estúdio, compus e gravei como um negro. Som e fúria, cara. — Fez uma revolução no jazz e na música no geral — eu comentei. E continuei: — Mi-

les, quero agradecê-lo por todo seu trabalho. Em particular por *Tutu* e *Amandla*. São pérolas preciosíssimas em meio à toda sua rica produção. — Não poderia deixar de render homenagem a Desmond Tutu e a escancorar minha luta contra o racismo, em particular a aberração do regime racista na África do Sul. — Evidente. — Querido Miles, permita-me externar uma frustração ligada a você: comprei ingresso para vê-lo no Free Jazz Festival. Você não veio. Havia adoecido seriamente. Houve uma *jam session*, no seu lugar. Não se trata de substituí-lo. Você é insubstituível. Algumas apresentações foram sublimes, outras nem tanto, outras chatas... — Também fiquei triste de não poder comparecer. Todavia, meu processo de passagem tinha começado. Fiz muita merda em vida. Tinha que pagar um preço. — Mas frustrou-me. — Fazer o quê... Bem, perdoe-nos. A conversa se alongou. Foi ótima, porém, recebemos sinais para retornarmos. Tá na hora. E, antes que pergunte alguma coisa do além... Já sabe. Não estamos autorizados a comentar coisa nenhuma. — Eu sei. Nietzsche e Lênin já haviam me alertado. — De qualquer modo... Dizer que foi um prazer, uma emoção absurda, um sonho realizado, uma experiência divina... É redundante. Não consigo expressar. Se fosse músico, comporia alguma coisa. Sei... Nada que ficasse à altura de vocês, monumentos da música. — Continue a ouvir e a divulgar nossos trabalhos. É a maior homenagem que se pode realizar — disse-me Bird. — Mantenha-nos vivos pela música — falou Coltrane. — Continue se emocionando com nosso som — emendou Chet. — Continue a difundir nosso trabalho — frisou Theo. — Você tá ligado. Sabe o que fazer. Siga assim, mano — completou Miles. — Amo vocês e sua música. O mínimo que posso realizar é continuar a ouvi-la, difundi-la e, sem exagero, venerá-la. — Você também está em nossos corações — responderam em uníssono, como uma orquestra, para meu deleite. Partiram. Abri os olhos. A música continuava. Pensei: “Essa é uma bela história. Por que não contá-la no *Cultura!*?” Para celebrar o centenário do jazz.

**Mitos do jazz.**  
1. John Coltrane  
2. Miles Davis  
3. Chet Baker  
4. Charlie Parker  
5. Thelonious Monk